

GRAÇA A DEUS NÃO COMI MEU PAI

Rachel Rangel Bastos¹

O interlocutor deve estar pensando ao que remete esse trabalho com um título cujo significado pode ter inúmeras interpretações. Mas pretendo apenas restringi-lo a uma simples reflexão sobre a questão identificatória numa perspectiva psicanalítica. Quando enfatizo uma possível simplificação, preocupo-me destacar a necessidade de fazer valer um corte epistemológico, para não me perder na multiplicidade conceitual tão bem elaborada por Lacan ao longo do Seminário IX (A Identificação).

É curiosa a forma como Lacan articula suas proposições nos seminários por ele dirigidos nos anos de 1961/1962. Passa da filosofia à matemática como se as diferentes disciplinas preservassem suas aproximações. Ele nos esclarece como isso se faz pertinente. Desde que, se possa refletir *cada uma* delas a partir de uma *determinada lógica*.

Ao formular o parágrafo anterior, distingo a lógica como podendo ser amplificada em várias lógicas. E é exatamente disso que nos fala Jacques Lacan. No mínimo duas lógicas. Uma lógica formal e uma lógica, por ele chamada, simbólica. A função simbólica na identificação deve ser propriamente a relação do sujeito com o significante.

O que Lacan nos diz sobre lógica formal e lógica simbólica?

Comprometo-me dar continuidade a essa reflexão num estudo vindouro de título: É possível pensar numa lógica do Real? Ora permito-me apenas perpassar por rasos questionamentos.

Em um dos seus seminários Lacan (19-2-1974) destaca: “Se Aristóteles não tivesse começado (a lógica), ela não estaria ali. Então chego e digo: é o saber do Real.” Leio aí Lacan nos falando de uma outra lógica, a lógica simbólica. Entretanto ressoa aos meus ouvidos, uma terceira lógica. Uma lógica do Real.

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: rachelrangel@gmail.com.

E existe uma lógica do Real? Se existe ou inexistente de modo formalizado uma lógica do Real, não é a questão momentânea deste trabalho. A questão é que uma vez que Lacan bipartiu a lógica, ousou tripartir-la. E segundo os seus próprios ensinamentos, essa lógica do Real, poderia muito bem ser chamada de uma lógica que transcende a qualquer lógica objetiva e caminha em direção a não mais um símbolo, mas ao que Lacan denomina de rastro, de traço, de traço unário. A propriedade *a cada um* fazendo um registro da diferença, instituindo uma inscrição.

Explicitarei melhor meus argumentos, fazendo uso da minha própria experiência analítica, sem desprezar os pronunciamentos lacanianos.

A exemplo:

Lendo um artigo de autoria de Luiz Felipe Pondé, especial para a folha de São Paulo, cujo título é, “ O discurso de Deus”, chamou-me atenção uma peculiaridade em seu depoimento. Pondé chama o Discurso de Deus de “discurso da incompreensão”. Seria o discurso da incompreensão algo que se aproxima da lógica simbólica? Ou da lógica que agora estou atribuindo ao Real. Real que vem marcar uma diferença?

O que pretendo neste trabalho é discutir a lógica, num contexto processual identificatório, onde *cada coisa* tem um nome e cada nome é (de uma maneira ou de outro) engajado numa lógica tripartida, em Real, Simbólica e Imaginária.

Em primeiro lugar, falemos sobre a lógica formal. Entendo-a como uma vizinhança para com a instância imaginária. Donde se remete a uma forma, a um signo. Forma esta intermediadora da produção de uma imagem.

É para explicar melhor essa possibilidade que Lacan recorre aos algoritmos e até confecciona matemas para elucidar o rastro, a marca, o próprio, o que identifica fazendo a diferença, a produção, o significante.

“... e que é no objeto do desejo que imprime a marca significante, legitimando a relação do objeto do desejo com o Outro” (LACAN, lição 22/10/1961).

Em segundo lugar falemos da lógica simbólica, momento em que o mais importante é poder aproximar as possibilidades à relação significante.

“... o que quero dizer é que, para nós, analistas, o que entendemos por identificação, naquilo que há de concreto em nossa experiência referente à identificação, é uma identificação de significante” (LACAN, lição 22/10/1961).

Então, em terceiro lugar, arvore-me circular em torno de uma lógica do Real.

Do pouco que posso compreender sobre esses conceitos aparentemente incompreensíveis, diria que a lógica do real estaria enodada ao significante e ao

significado (enquanto signo) ao mesmo tempo. Mas onde esse enodamento circunda um sentido sem sentido. E que ao mesmo tempo em que se inscreve não cessa de se inscrever.

E para não perder o contato com Deus, peço auxílio aos escritos bíblicos do apóstolo Paulo na carta que fez aos irmãos de Coríntios, quando prega:

20: DEUS DIZ: "EU DESTRUIREI TODOS OS PLANOS HUMANOS DE SALVAÇÃO, NÃO IMPORTA QUÃO SÁBIOS ELES PAREÇAM, E IGNORAREI AS MELHORES IDÉIAS DOS HOMENS, ATÉ AS MAIS BRILHANTES!"

25: PORQUE A LOUCURA DE DEUS É MAIS SÁBIA QUE OS HOMENS E A FRAQUEZA DE DEUS É MAIS FORTE DO QUE OS HOMENS ... (...) ... PORQUE A SABEDORIA DOS SÁBIOS É LOUCURA PARA DEUS.

Para prosseguir com minhas ideias, convido à assertiva que percebo fabulosa de Luiz Ponde: “Ingênuos os que creem que o a priori da linguagem seria a comunicação. Ela é, na melhor das hipóteses clínicas, o espaço da Neurose: nela o horror indiferente da Coisa sem nome esculpe mortalmente essa agonia”.

Quando se fala por palavras, a palavra não é nossa. Não sabemos, ou pelo menos não sabemos que sabemos. A palavra não se identifica ao poder da posse. Posse da palavra. Mas, a possibilidade de ir à busca de um sentido e não do sentido. Só há um sentido para *cada um*. É esse o investimento lacaniano em todo seminário IX. O sentido não tem sentido. Mas *em cada sentido há um sentido*, sentido este produzido a partir do nome. É o nome que pode dar um sentido. Sentido às coisas. E a partir desse dar nome, é que se abre uma possibilidade de aproximação à cadeia significante. Cadeia esta inacessível, salvo a partir de uma expressão que pode denunciar um desejo, ou melhor dizendo, permitir o aparecimento do objeto de desejo.

É na busca desse objeto, objeto do desejo, que Lacan em sua obra sugere uma nova lógica. Lógica que permite uma circulação e um enveredamento pela cadeia significante de *cada* sujeito.

Voltemos à sentença chistosa e, portanto denunciativa do seu caráter subjetivo.

Graças a Deus não comi meu pai.

Escutei essa frase faz muitos anos. Poderia passar aqui horas elucubrando e redigindo sobre esse dito, mas talvez tivéssemos a necessidade de anos para investigar sobre o não dito. Tudo para dizer; tantos são os significantes e seus desdobramentos

nesta frase! Desdobramentos dos significantes neste discurso. Discurso do desejo. Desejo que representa uma falta.

“Isso não é nada mais do que o signo impossível de se apagar, pelo fato de que o objeto do desejo constitui-se apenas na relação com o Outro, enquanto ele próprio se origina do valor do traço unário” (LACAN ,lição 28/março/1962) i

Para não fugir ao costumeiro de um dos meus objetos de desejo; a clinica, reporto-me a fragmentos da fala do rapaz que dissera:

“Eu queria ser meu pai, ser igual a ele. (...) Será que eu queria mesmo ser como ele? (...) Às vezes eu acho que eu queria ter meu pai. (...) Como seria ter meu pai? (...) Mas ter meu pai seria ter sexo. Ter sexo com meu pai? Come-lo? Comer meu pai? Como posso estar falando disso? Meu pai sabe beijar, sabe tocar, sabe pegar, sabe comer bem”.

Meu analisante riu e prosseguiu seu discurso.

*“A família do meu pai é muito fria. Ninguém sabe tocar. Só meu pai. Ele aprendeu a tocar com **minha mãe** e com a família dela. Eu vi isso num filme. Você já viu o filme “ A Poderosa”? Eu vi, e parecia estar vendo a família do meu pai. Eu vi nele a família do meu pai. Que gelo! Uma **rigidez**. Isso passou de geração para geração. Eles não querem afagos, eles não querem carinhos. As pessoas da família do meu pai, não sabem dar nem receber.”*

O que significa para esse rapaz comer o pai? Ter o pai? Tocar o pai?

Não se saberá jamais. **Cada um é cada um**. E cada um só sabe de si mesmo, (*sendo esse si mesmo, o próprio*) se é que sabe ou sabe que não sabe. Mas pelo menos se abre uma possibilidade de nomear e em nomeando, diferenciar e em diferenciando, identificar.

Identificação é diferença, e a diferença só se dá a partir dos nomes, do nome do pai. Nome do **pai** que rodopia numa relação amorosa com a **mãe** e então se estabelece uma “**relação sexual**” (pulsional), numa relação de no mínimo três. E nesse endereçamento entre **a** e o **A**, entre um outro e o Outro, é onde pode surgir um Outro. Por isso para Lacan, e por que não dizer para a psicanálise, a cada Coisa, a cada sujeito, a cada objeto e cada desejo é preciso ser dado um nome. E a cada nome uns nomes do pai, em nome do pai.

Graças a Deus, meu analisante vem dizendo que graças a Deus não comeu o pai, nem a mãe. Além de falar repetidamente “quero trepar com você”. Conseguiu a partir

da *sua própria* análise, fazer um contato com *ele próprio* e poder supor saber, que cada um pode desejar, comer, bipartir e até mesmo tripartir.

“Gostaria de trepar com você ” ... “ Não exagero nada, vocês vão ver ” (LACAN, lição de 24/01/1961:137).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bíblia Sagrada 1975. Imprensa Bíblica Brasileira.

CAMPOS, Dulce. *Identificação e Identidade*. Ed. CEPE – UBE (2002)

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Editora Artes Médicas. (1996)

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Jorge Zahar Editor (1995)

LACAN, Jacques. *Seminário 1, Os Escritos Técnicos de Freud*. Jorge Zahar Editor

_____. *Seminário 4, A Relação de Objeto*. Jorge Zahar Editor

_____. *Seminário 8, A Transferência*. Jorge Zahar Editor

_____. *Seminário 9, A Identificação* Publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife (2003)

NASIO, Juan. *Os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Jorge Zahar Editor (1991)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.